


Estresse ocupacional, saúde mental e gênero entre docentes do ensino superior: revisão integrativa


Occupational stress, mental health and gender among higher education teachers: integrative review

Paloma de Sousa Pinho^a

 <https://orcid.org/0000-0001-6402-0869>


E-mail: paloma@ufpb.edu.br

Aline Macedo Carvalho Freitas^b

 <https://orcid.org/0000-0002-5696-9625>


E-mail: amcfreitas@uefs.br

Ana Luísa Patrão^c

 <https://orcid.org/0000-0002-2027-5461>

E-mail: analuisapatrao@fpce.up.pt

Estela M L Aquino^d

 <https://orcid.org/0000-0002-8204-1249>

E-mail: estela@ufba.br

^aUniversidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Ciências da Saúde. Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil.

^bUniversidade Estadual de Feira de Santana. Departamento de Saúde. Feira de Santana, BA, Brasil.

^cUniversidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Porto, Portugal.

^dUniversidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva. Salvador, BA, Brasil.

Correspondência

Paloma de Sousa Pinho

Núcleo de Saúde, Educação e Trabalho (NSET). Centro de Ciências da Saúde. Av. Carlos Amaral, 1015, Cajueiro. Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil. CEP: 44430-622.

Resumo

O trabalho docente nas universidades tem sido marcado por sobrecarga exaustiva com a lógica do trabalho intensificado e precarizado. Além disso, estudos relacionando gênero, saúde e trabalho docente ainda são escassos. Neste artigo, objetivou-se identificar e avaliar criticamente as evidências científicas relacionadas ao estresse ocupacional e aos transtornos mentais entre docentes do ensino superior na perspectiva de gênero. Realizou-se revisão integrativa nas bases de dados *PubMed*, *SciELO* e *Lilacs*, entre os meses de maio e junho de 2019, a partir das combinações dos descritores indexados: *occupational stress; mental disorder; mental health; higher education; faculty; universities* e das palavras-chave: *faculty teacher; faculty teachers; university teacher; university teachers; academic setting; academic settings*. Os resultados sinalizam que o estresse ocupacional é uma realidade nas universidades, com docentes cada vez mais insatisfeitos(as) e apresentando altas prevalências de transtornos mentais e sintomas depressivos. Ficou evidente a necessidade de responsabilização por parte da gestão educacional. A perspectiva de gênero manteve-se ausente ou superficial nas produções acadêmicas revisadas. É preciso concentrar-se em medidas que possam melhorar a qualidade do trabalho nas universidades, tornando-as um espaço prazeroso para homens e mulheres de forma igualitária.

Palavras-chave: Saúde Mental; Docentes; Gênero e Saúde; Revisão.

Abstract

The teacher's work in universities has been marked by exhaustive overload with intensive and precarious work conditions. Furthermore, studies regarding gender, health, and teacher's work are still scarce. In this article, we aimed at identifying and critically evaluating the scientific evidence regarding occupational stress and mental health among higher education teachers from a gender perspective. We performed an integrative review of literature by searching on PubMed, SciELO, and LILACS, between May and June 2019, from combinations of the indexed descriptors: *occupational stress*; *mental disorder*; *mental health*; *higher education*; *faculty*; *universities*; and the keywords: *faculty teacher*; *faculty teachers*; *university teacher*; *university teachers*; *academic setting*; *academic settings*. The results indicate that occupational stress is common in universities, with teachers showing increasing dissatisfaction and higher prevalences of mental disorders and depressive symptoms. The need for accountability of educational managers is evident. Gender perspective was absent or scarce in the scientific literature revised. Concentrating on measurements to improve the quality of work in universities making them an equally pleasant space for men and women is needed.

Keywords: Mental Health; Faculty; Gender and Health; Review.

Introdução

A atual configuração do trabalho docente nas universidades brasileiras pode representar exposição a condições estressoras, aumentando o risco de transtornos mentais. As múltiplas exigências advêm de atividades de ensino, pesquisa e extensão, as quais são marcadas pela competição por recursos, esforços para a progressão na carreira e o exercício de cargos na gestão (Bosi, 2007; Santos et al., 2016; Campos; Vêras; Araújo, 2020). A incorporação da categoria de gênero nas pesquisas sobre trabalho docente na universidade e saúde é imprescindível, por ser uma dimensão organizadora das relações sociais que produzem desigualdades (Mattos et al., 2015).

Tanto as condições do ambiente laboral quanto os aspectos psicossociais do trabalho podem gerar insatisfação e predispor o surgimento de sofrimento físico e mental nos trabalhadores(as), ou seja, a psicodinâmica do trabalho dejouriana coloca a organização do trabalho e o sofrimento mental na centralidade da questão na qual as defesas são coletivamente elaboradas pelos(as) trabalhadores(as) no enfrentamento das situações de sofrimento no cotidiano laboral (Dejours, 1987; Dejours et al., 1994; Jayet, 1994). Além disso, a incorporação de novas tecnologias e mudanças no sistema educacional têm trazido implicações para a saúde do(a) trabalhador(a) e para as vivências de prazer e sofrimento ligadas ao trabalho (Coutinho; Magro; Budde, 2011). Essa realidade tornou-se muito mais explícita e descortinada no trabalho remoto docente, decorrente da pandemia da covid-19 (Pinho et al., 2021; Souza et al., 2021).

O trabalho docente é flexível e multifacetado. A atividade na academia, que sempre esteve associada aos desafios envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, sob a égide das relações sociais capitalistas, vem se caracterizando pela sobrecarga de tarefas, com perceptível expansão das atividades (planejar e ministrar aulas, elaborar e preencher relatórios e formulários, coordenar atividades, participar de reuniões, assumir departamentos/ coordenações, elaborar e gerenciar projetos de pesquisa e de extensão, publicar trabalhos, buscar recursos externos, responder e-mails institucionais, orientar alunos, participar de comissões, prestar consultorias, participar de eventos da área de atuação, entre outras variadas atividades) (Carlotto; Palazzo, 2006; Campos et al., 2020). A execução desse trabalho demanda, cada vez mais, níveis de especialização elevados, longas e intensas jornadas de dedicação, múltiplos empregos, precarização das condições de trabalho e dos

vínculos contratuais (Mascarenhas, 2010; Santos et al., 2016). Essas características, em conjunto, têm representado impactos negativos sobre a saúde dos professores, com importantes diferenças entre homens e mulheres (Araújo et al., 2006; Pinho et al., 2021).

O estresse ocupacional configura-se como uma resposta às situações conflitantes presentes no contexto de trabalho, com forte impacto no desempenho profissional, aumento do absenteísmo e número de acidentes nos locais de trabalho (Reis; Fernandes; Gomes, 2010). A convivência docente com diversos estressores ocupacionais, tais como a falta de apoio de gestores e colegas, sobrecarga de tarefas e consequente insatisfação, baixa autonomia, ausência de financiamento para as pesquisas, pressão por produções científicas, além da dificuldade em cumprir as exigências do trabalho e da família têm exposto os(as) professores(as) universitários(as) ao sofrimento psíquico, conforme apontam alguns autores(as) (Wernick, 2000; Paranhos, 2002; Mascarenhas, 2010; Sun; Wu; Wang, 2011). Estudos situam os transtornos mentais comuns (TMC) entre os principais problemas de saúde dos docentes (Delcor et al., 2004; Reis et al., 2005; Sharpley et al., 1996). Esses transtornos são caracterizados por sintomas como fadiga, irritabilidade, falta de energia e insônia, e podem representar a desestabilização parcial ou a restituição incompleta de uma perturbação mista de ansiedade e depressão (Goldberg; Huxley, 1992).

Cada vez mais, os transtornos mentais têm sido reconhecidos como uma prioridade global da saúde (PAHO, 2018). Destaca-se, contudo, que as mulheres têm apresentado mais TMC do que os homens, sejam elas jovens, idosas e/ou trabalhadoras (Araújo; Carvalho, 2009; Borim; Barros; Botega, 2013; Farias; Araújo, 2011; Jansen et al., 2011). Essas características também são aspectos preocupantes no contexto de trabalho dos(as) professores(as), visto que a prevalência de TMC tem sido apresentada como significativamente mais elevada entre as mulheres (56,8%) do que entre os homens (34,0%) (Araújo et al., 2006), com maiores expressões de sofrimento e sinais de sofrimento psíquicos entre as professoras (Neves; Brito; Muniz, 2019).

A avaliação de gênero no trabalho docente e seus efeitos na saúde é condição *sine qua non* para a compreensão das dinâmicas e das relações envolvidas nos processos de dominação (Araújo; Pinho; Masson, 2019). Desta forma, estudos sobre saúde e trabalho na perspectiva de gênero podem trazer à tona problemas coletivos que permanecem ainda ocultos quando as diferenças são obscurecidas, já que a análise de gênero vai além da diferença biológica

entre os sexos, sendo ele concebido como eixo organizador das relações sociais (Scott, 1990). Com base no exposto, este estudo objetiva identificar e avaliar criticamente as evidências científicas relacionadas ao estresse ocupacional e aos transtornos mentais entre docentes do ensino superior na perspectiva de gênero.

Metodologia

No presente trabalho, utilizou-se o método de revisão integrativa da literatura (RI), que consiste na sintetização de resultados obtidos em pesquisas sobre uma determinada temática, sinalizando lacunas do conhecimento, possíveis práticas para saúde pública e desenvolvimento de futuros estudos. Uma revisão integrativa permite a inclusão de estudos que adotam diversas metodologias (Polit; Beck, 2006). Conduziu-se a revisão a partir das seis etapas operacionais propostas por Ganong (1987).

Na primeira etapa (identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa), foram formuladas as seguintes questões norteadoras: Quais as evidências disponíveis em estudos quantitativos sobre estresse ocupacional e transtornos mentais comuns entre docentes do ensino superior? Essas evidências sugerem que há diferenças de gênero?

Para condução da segunda etapa (busca na literatura e estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão), foram incluídas as seguintes fontes: *PubMed* (Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos), *SciELO* (*Scientific Electronic Library Online*) e *Lilacs* (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), por serem consideradas relevantes para o campo do estudo. A busca ocorreu entre maio e junho de 2019, utilizando-se combinações dos descritores indexados na base de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH): *occupational stress*; *mental disorder*; *mental health*; *higher education*; *faculty*; *universities* e das palavras-chave: *faculty teacher*; *faculty teachers*; *university teacher*; *university teachers*; *academic setting*; *academic settings*. Foram utilizados os booleanos AND, para associar as temáticas, e OR, para alternar as palavras-chave e capturar o maior número de estudos com docentes do ensino superior.

Os critérios de inclusão desta revisão integrativa foram: estudos originais primários quantitativos, que respondessem à questão norteadora, publicados em português, inglês e espanhol, em qualquer período, e indexados nas bases de dados selecionadas. Também

foram incluídas referências relevantes a partir dos artigos selecionados nas bases de dados que contemplassem a questão e os critérios de inclusão. Não foram incluídos estudos primários qualitativos; nem estudos secundários de revisão integrativa, narrativa ou sistemática. Foram excluídos artigos duplicados em uma ou mais base de dados, bem como aqueles que não respondessem à questão norteadora.

A partir dessa fase, com o objetivo de sumarizar e documentar os estudos selecionados de forma concisa e clara (terceira etapa), um instrumento de coleta de dados foi utilizado para extrair as informações básicas e relevantes de cada estudo (JBI, 2014). Os resultados são apresentados contemplando informações sobre a identificação do estudo, características metodológicas, principais resultados encontrados, recomendações e conclusões indicadas.

Com intuito de informar se os estudos analisaram dois possíveis sentidos analíticos e interpretativos na aplicação do conceito de gênero, avaliou-se a consistência metodológica no uso do sentido completo ou parcial: o **sentido completo** leva em consideração as diferenças sociais e culturais entre homens e mulheres - ou entre masculinidades e feminilidades -, bem como o entendimento de como se produzem essas diferenças como desigualdades de poder; já o **sentido parcial** ocorre quando há apenas a comparação descritiva das diferenças entre masculino e feminino, sem interpretação das questões de poder (Araújo; Schraiber; Cohen, 2011). O sentido de gênero foi considerado

ausente quando o estudo não fez qualquer distinção entre homens e mulheres.

Para avaliação do nível de evidência e qualidade metodológica dos artigos incluídos na revisão, considerou-se abordagem proposta pelo Instituto Joanna Briggs (JBI) e suas entidades colaboradoras. Utilizou-se, então, na avaliação, o instrumento padronizado para estudos descritivos, com o objetivo de determinar até que ponto um estudo abordou a possibilidade de viés em seu projeto, condução e análise. (JBI, 2014).

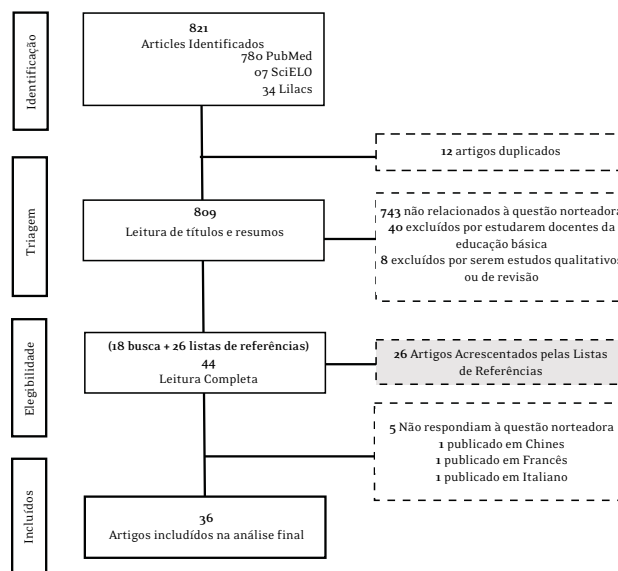
As etapas subsequentes (interpretação dos resultados e apresentação da síntese da revisão do conhecimento) foram sistematizadas, apontando-se lacunas no conhecimento e fornecendo subsídios para novas investigações e possíveis implementações baseadas em evidências científicas.

Resultados

A Figura 1 apresenta o processo de identificação, triagem, elegibilidade e amostra final dos artigos incluídos.

Após o levantamento das publicações nas bases de dados, foram reunidos 821 artigos. Desses, foram retiradas 12 publicações repetidas e 791 artigos, a partir dos critérios de exclusão. Esses 18 estudos selecionados somaram-se a outros 26 provenientes das listas das referências. Ao final, a revisão integrativa contou com 36 estudos.

Figura 1 – Principais características dos estudos revisados



Características gerais dos estudos

As principais características dos estudos revisados estão sintetizadas no Quadro 1. Os anos de publicação dos 36 textos incluídos nesta revisão confirmam a atualidade dos artigos nessa área. O mais antigo foi datado de 1993 e o mais atual de 2018, sendo que 75% dos estudos foram realizados nos últimos dez anos e 44,4% nos últimos cinco anos. Em relação ao local do estudo, as investigações foram predominantemente brasileiras (41,7%). Contudo, ressalta-se que as demais publicações tiveram concentração no continente asiático (25,0%), com destaque para a China (11,1%). O idioma dominante foi o inglês, entretanto, 38,9% foram publicados em revistas brasileiras e 61,1% em internacionais (Quadro 1). A totalidade dos estudos foi classificada como Nível 4 (estudos observacionais descritivos), mais especificamente o nível 4.b-estudos transversais, segundo JBI (2014).

Estresse ocupacional nas universidades

Os resultados da revisão indicam que a universidade é um ambiente com potencial para desenvolver muitos estressores ocupacionais. O trabalho desenvolvido na academia, com exigências de docentes com ritmos intensificados e condições laborais precarizadas, foi considerado situação geradora de tensões, insatisfação e sofrimento. As condições e práticas organizacionais da educação do ensino superior, atualmente, assentam-se na carga excessiva de trabalho e no atendimento a múltiplas demandas, com impacto na distribuição do tempo, observando-se, como característica predominante, a escassez de tempo para execução das tarefas (Abouserie, 1996), falta de reconhecimento (Biron; Brun; Ivers, 2008) e apoio social (Carlotto; Câmara, 2017), sobrecarga de trabalho (Sun; Wu; Wang, 2011) e conflito trabalho-família (Carlotto; Câmara, 2017; Leung; Siu; Spector, 2000), em uma atmosfera cada vez mais competitiva entre colegas e atividades burocráticas fatigantes (Abouserie, 1996).

Entre os fenômenos relacionados aos estressores ocupacionais, Síndrome de *Burnout* (SB) foi avaliada em 47,2% dos estudos, provenientes de nove diferentes países: Brasil, Irã, China, Turquia, Espanha, Filipinas, México, Croácia e Colômbia. No Brasil, os estudos revelaram que a ausência de autonomia, relações conflituosas, excesso

de trabalho, longas jornadas e excesso de alunos em sala foram os principais preditores para a síndrome (Carlotto; Câmara, 2017; Prado et al., 2017). A pior qualidade do sono também foi consequência de estresse entre docentes (Sousa et al., 2018).

Os docentes universitários estão (in)satisfeitos com seu trabalho

Dos 36 estudos selecionados na revisão, oito abordaram o tema satisfação no trabalho, desses, nenhum foi desenvolvido no Brasil (Abouserie, 1996; Cladellas-Pros; Castelló-Tarrida; Parrado-Romero, 2018; Colacion-Quiros; Gemora, 2016; Cooper; Kelly, 1993; Leung; Siu; Spector, 2000; Pan et al., 2015; Schindler et al., 2006; Winefield; Jarrett, 2001). O apoio organizacional percebido e o apoio psicológico foram importantes preditores para a satisfação no trabalho em um estudo desenvolvido na China (Pan et al., 2015). Em uma pesquisa proveniente das Filipinas, o excesso de pressão e a escassez do tempo para realização das atividades foram atribuídos à insatisfação laboral; outra, realizada na Espanha, apontou a vinculação contratual (contratos temporários) como fator importante para tal situação (Cladellas-Pros; Castelló-Tarrida; Parrado-Romero, 2018; Colacion-Quiros; Gemora, 2016). Já em estudos desenvolvidos no Reino Unido e nos Estados Unidos, o estresse laboral foi o fator mais associado à insatisfação no trabalho (Abouserie, 1996; Schindler et al., 2006). Em contrapartida, no estudo de origem australiana, os docentes estavam, em geral, satisfeitos com seu trabalho. Em outro, proveniente de Hong Kong, os docentes com maiores titulações acadêmicas, pontuaram maior satisfação laboral (Leung; Siu; Spector, 2000; Winefield; Jarrett, 2001).

Transtornos mentais comuns e sintomas depressivos no ambiente acadêmico

Os transtornos mentais entre docentes do ensino superior foram relevantes em várias regiões do mundo: sete diferentes países (Brasil, Turquia, Espanha, EUA, Austrália, Hong Kong, Reino Unido) preocuparam-se em apontar os reflexos do trabalho docente sobre a saúde mental dessas(es) trabalhadoras(es).

As prevalências de TMC variaram de 17,3% a 20,1% em alguns estudos realizados no Brasil (Tavares et al., 2012;

Araújo; Santos, 2013; Mascarenhas et al., 2014; Ferreira et al., 2015). Em uma pesquisa realizada na Austrália, os docentes envolvidos no ensino e na pesquisa apresentaram maior estresse psicológico e menor satisfação com o trabalho, pois precisam conviver com aumento da pressão resultante dos cortes financeiros nas universidades e aumento das cargas de produtividade no ensino (Winefield; Jarrett, 2001). No estudo realizado na China, com 1210 docentes de seis universidades, encontrou-se alta prevalência (58,9%) de sintomas depressivos, tendo o apoio/suporte psicológico como recurso positivo para a melhoria da saúde mental (Shen et al., 2014). É importante salientar que o enfoque teórico e os instrumentos utilizados para avaliação dos transtornos mentais variaram entre os estudos.

Maiores prevalências dos transtornos mentais comuns foram observadas nas mulheres (Mascarenhas; Araújo; Santos, 2013; Kataoka et al., 2014), nas(os) mais jovens, entre aqueles(as) que realizavam maior esforço no trabalho (Ferreira et al., 2015), que tinham baixo controle sobre o trabalho e as(os) insatisfeitas(os) com as condições físicas e organizacionais das universidades (Mascarenhas; Araújo; Santos, 2013). No estudo de Araújo e colaboradores (2005), 72,6% dos(as) docentes referiram, no mínimo, uma queixa de saúde e, entre as mais relatadas,

destacaram-se o cansaço mental, o esquecimento e a sonolência (Araújo et al., 2005).

Invisibilidade de gênero no trabalho docente

A literatura investigada nesta revisão certifica a invisibilidade das discussões de gênero nos estudos sobre trabalho docente no ensino superior, bem como os efeitos do trabalho sobre a saúde desses trabalhadores(as).

Quanto à classificação do potencial analítico da categoria gênero (Araújo; Schraiber; Cohen, 2011), dois estudos desenharam a análise de gênero com sinalizações de disparidade entre homens e mulheres na docência do Reino Unido e da Croácia. As mulheres estavam mais insatisfeitas do que os homens, mas eles apresentaram maiores frequências de doenças mentais. Ainda assim, esses estudos foram classificados como análise no **sentido parcial** (Cooper; Kelly, 1993; Slišković; Maslić Seršić, 2011).

Outras oito pesquisas (22,2%) também atingiram apenas o sentido parcial em seus materiais, ou seja, o sentido meramente descritivo, dentro da perspectiva comparativa, sem criticar os padrões históricos das relações de poder, sociais, econômicas e políticas existentes. Os vinte e seis (72,2%) restantes não identificaram qualquer sentido de gênero (**sentido ausente**) em suas análises ou interpretações (Quadro 1).

Quadro 1 – Distribuição dos estudos incluídos na revisão integrativa segundo autores(as), ano, país de origem, população do estudo e sentido de gênero.

N	Autores (as)/Referência	Ano	País Origem	População Estudo	Sentido de Gênero
1	Nascimento et al., 2018	2018	Brasil	48 docentes da área de saúde	Ausente
2	Cladellas-Prós, Castelló-Tarrida e Parrado-Romero, 2018	2018	Espanha	145 docentes	Ausente
3	Sousa et al., 2018	2018	Brasil	19 docentes	Ausente
4	Carlotto e Câmara, 2017	2017	Brasil	250 docentes	Ausente
5	Prado et al., 2017	2017	Brasil	72 docentes da área de saúde	Sentido Parcial
6	Nazari, H. et al., 2016	2016	Irã	111 docentes	Ausente
7	Colacion-Quiros e Gemora, 2016	2016	Filipinas	55 docentes	Ausente
8	Pu et al., 2017	2016	China	357 professores	Ausente
9	Ferreira et al, 2015	2015	Brasil	175 docentes da área da saúde	Ausente
10	Pan et al., 2015	2015	China	1210 docentes de seis universidades	Ausente
11	Kirchhof et al., 2015	2015	Brasil	107 docentes da área da saúde	Ausente
12	Dalagasperina e Monteiro, 2014	2014	Brasil	202 docentes	Ausente
13	Rodríguez, Hinojosa; e Ramírez, 2014	2014	México	59 docentes	Ausente

continua...

Tabela 1 – Continuação

14	Kataoka et al., 2014	2014	Japão	405 docentes	Sentido Parcial
15	Tavares et al., 2014	2014	Brasil	130 docentes da área da saúde	Ausente
16	Shen et al., 2014	2014	China	1210 docentes de seis universidades	Ausente
17	Camargo et al., 2013	2013	Brasil	393 docentes	Sentido Parcial
18	Costa et al., 2013	2013	Brasil	169 docentes de sete instituições	Ausente
19	Mascarenhas, Araújo e Santos, 2013	2013	Brasil	96 docentes da área da saúde	Sentido Parcial
20	Tavares et al., 2012	2012	Brasil	130 docentes da área da saúde	Ausente
21	Caran et al., 2011	2011	Brasil	54 docentes	Ausente
22	Cladellas e Castelló, 2011	2011	Espanha	172 docentes	Sentido Parcial
23	Slišković; Maslić Seršić, 2011	2011	Croácia	1.168 docentes	Sentido Parcial
24	Sun, Wu e Wang, 2011	2011	China	827 docentes	Ausente
25	Correa-Correa e Zambrano, Chaparro, 2010	2010	Colômbia	44 docentes	Ausente
26	Zhong et al., 2009	2009	China	300 docentes	Ausente
27	Sousa e Mendonça, 2009	2009	Brasil	233 docentes	Ausente
28	Biron, Brun e Ivers, 2008	2008	Canadá	1086 funcionários e 395 docentes	Ausente
29	Alpoz et al., 2008	2008	Turquia	110 docentes da área da saúde	Sentido Parcial
30	Otero-López, Mariño e Bolaño, 2008	2008	Espanha	813 docentes	Ausente
31	Schindler et al., 2006	2006	EUA	56 médicos acadêmicos e 1.951 docentes da área da saúde	Sentido Parcial
32	Araújo et al., 2005	2005	Brasil	314 docentes	Ausente
33	Winefield e Jarrett., 2001	2001	Austrália	2.040 funcionários (65,4% dos docentes)	Sentido Parcial
34	Leung, Siu e Spector, 2000	2000	Hong Kong	106 docentes	Ausente
35	Abouserie, 1996	1996	Reino Unido	414 docentes	Sentido Parcial
36	Cooper e Kelly, 1993	1993	Reino Unido	2.638 docentes gestores e 287 do ensino superior	Sentido Parcial

Gestão educacional e medidas eficazes para as universidades

Dos estudos revisados, todos fizeram, pelo menos, uma sugestão, proposta ou recomendação para gestoras(es) da educação do ensino superior, tanto nacional quanto internacional (Quadro 2).

Dois estudos, na China e no Reino Unido, indicaram o investimento em treinamentos e capacitações, com destaque para aqueles referentes aos aspectos de gerenciamento do tempo, utilização de estratégias de enfrentamento mais adaptativas e desenvolvimento

de habilidades nas tomadas de decisões no ambiente acadêmico (Cooper; Kelly, 1993; Pan et al., 2015) (Quadro 2).

Alguns estudos propuseram medidas de intervenções com intuito de aliviar a tensão e garantir um docente mais produtivo e saudável, entre elas, destacam-se: desenvolvimento do apoio social de qualidade (Otero-López; Mariño; Bolaño, 2008; Carlotto; Câmara, 2017), disposição de horários mais flexíveis (Pan et al., 2015), medidas que proporcionem maior controle sobre o trabalho (Kataoka et al., 2014) e autonomia (Tavares et al., 2012), investimento na infraestrutura organizacional, diminuição das

demandas impostas pelo sistema educacional (Winefield; Jarrett, 2001), bem como a efetivação de medidas para aumentar o entusiasmo, a resiliência e o otimismo (Pan et al., 2015).

A inclusão de programas de apoio com acompanhamento periódico, atendimento

psicológico e aconselhamento individualizado ou em grupos foi proposta, em diferentes estudos, como uma intervenção que pode prevenir o absentéismo e o adoecimento mental nas instituições universitárias (Abouserie, 1996; Schindler et al., 2006; Shen et al., 2014; Tavares et al., 2014).

Quadro 2 – Principais recomendações indicadas nos artigos avaliados

Autores(as) Ano	NOVOS ESTUDOS
<p>Nascimento et al., 2018 Cladellas-Prós, Castelló-Tarrida; Parrado-Romero, 2018 Sousa et al., 2018 Carlotto; Câmara, 2017 Nazari et al., 2016 Pu; Ma; Sang, 2016 Ferreira et al., 2015 Tavares et al., 2014 Camargo et al., 2013 Costa et al., 2013 Tavares et al., 2012 Biron; Brun; Ivers, 2008 Winefield; Jarrett, 2001</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estudos com amostras representativas e heterogêneas em diferentes regiões do Brasil. - Estudos longitudinais. - Estudos comparativos incluindo professores de universidades públicas e privadas. - Estudos que abordem diferentes domínios (sociodemográficas, trabalho, comportamentos de risco). - Estudos com análises sobre gestão de risco, impactos das mudanças da prática de ensino no nível superior e precarização do trabalho.
Autores(as) Ano	LACUNAS PARA DEBATE
<p>Mascarenhas; Araújo; Santos, 2013 Dalagasperina; Monteiro, 2014</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Debate sobre os aspectos do trabalho docente e seus efeitos sobre a saúde desses(as) trabalhadores(as). - Debates envolvendo diversas esferas (instituição de ensino e comunidade/ instituição de ensino e professores/ instituição de ensino e discentes) para discussões sobre temas como educação, respeito, cidadania e efeitos do estresse.
Autores(as) Ano	GESTÃO DAS UNIVERSIDADES
<p>Colacion-Quiros; Gemora, 2016 Pan et al., 2015 Dalagasperina; Monteiro, 2014 Tavares et al., 2014 Shen et al., 2014 Camargo et al., 2013 Costa et al., 2013 Shen et al., 2014 Camargo et al., 2013 Costa et al., 2013 Mascarenhas; Araújo; Santos, 2013 Sun; Wu; Wang, 2011 Sousa; Mendonça, 2009 Biron; Brun; Ivers, 2008 Araújo et al., 2005 Leung; Siu; Spector, 2000 Cooper; Kelly, 1993</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar dados produzidos nos estudos como importantes subsídios para gestão das universidades, assumindo novas práticas considerando o sistema público de ensino e as demandas que são impostas à(o) trabalhador(a). - Gestores das universidades e representantes sindicais visibilizem a situação de saúde mental dos docentes - Promover e responsabilizar-se pelas medidas adequadas de intervenção. - Dar maior apoio no que se refere às questões administrativas nas instituições privadas e dispor de menor número de alunos por turma. - Prover meios para aumentar os níveis de satisfação docentes, tanto financeiramente quanto academicamente - Oferecer atenção especial para aspectos do uso da voz, postura corporal, desgaste psíquico, infraestrutura, processo e organização do trabalho. - Adotar tarefas conjuntas entre docentes, discentes, instituição de ensino, família e sociedade em geral.

continua...

Quadro 2 – Continuação

Autores(as) Ano	ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO
<p>Carlotto; Câmara, 2017 Colacion-Quiros; Gemora, 2016 Nazari et al., 2016 Pan et al., 2015 Kataoka et al., 2014 Tavares et al., 2014 Tavares et al., 2012 Caran et al., 2011 Zhong et al., 2009 Sousa; Mendonça, 2009 Alpoz et al., 2008 Otero-López; Mariño; Bolaño, 2008 Schindler et al., 2006 Winefield; Jarrett, 2001 Abouserie, 1996 Cooper; Kelly, 1993</p>	<p><u>Preventivas</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Promoção da saúde no cotidiano laboral com novos meios que proporcionem redução de estressores laborais e promova bem-estar durante a jornada de trabalho. - Implementar medidas para aumentar entusiasmo, resiliência, otimismo e aliviar a tensão laboral. <p><u>Ações sobre as Condições Laborais</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Horários de trabalho flexíveis; reconhecer contribuição docente para instituição, investir em financiamentos para pesquisas, oportunizar as progressões de carreira, incentivar o envolvimento dos professores nas tomadas de decisões institucionais, avaliar sinais precoce de adoecimento; considerar o controle sobre o trabalho e demanda psicológica no contexto do estresse laboral; considerar eventos de vida estressores. <p><u>Treinamentos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Nas áreas de gerenciamento de tempo, desenvolvimento de habilidades interpessoais, utilização de estratégias de enfrentamento mais adaptativas, técnicas para gerenciar o estresse. <p><u>Apoio Social</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Assegurar maior autonomia. - Aproximar metas individuais das organizacionais no trabalho docente universitário. - Investir nas relações interpessoais de qualidade no ambiente de trabalho. - Apoiar professoras(es) mais jovens, pois apresentaram maior chance de adoecimento mental. - Estimular as redes de apoio social (família e amigos) e reforçar a crença do positivismo (otimismo). <p><u>Serviços de Saúde</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Implantar/Manter serviço de saúde comprometido com a saúde da comunidade acadêmica. - Disponibilizar suporte médico e psicológico com programas de aconselhamento e apoio garantindo um(a) trabalhador(a) produtivo(a) e estável.

Discussão

Alguns pontos de convergência emergem a partir da análise dos 36 artigos desta revisão. Entre eles, situam-se: (1) o estresse ocupacional como um problema real no contexto das universidades; (2) fatores associados à satisfação/insatisfação no trabalho dos(as) docentes do ensino superior; (3) elevadas prevalências de transtornos mentais e sintomas depressivos no ambiente acadêmico; (4) invisibilidade das relações entre gênero e saúde docente e; por fim, (5) a responsabilização da gestão educacional com propostas de apoio e melhorias nas condições de trabalho das universidades. A análise da qualidade metodológica dos artigos incluídos na revisão, segundo instrumento do IJB, aponta que

a maior parte dos estudos tinham seus resultados avaliados com utilização de critérios objetivos e com análises estatísticas apropriadas.

As evidências desta revisão apontam presença do estresse ocupacional nas universidades em diferentes regiões do mundo. Como já mencionado, esse estresse surge como resposta às situações desgastantes e conflituosas no ambiente laboral. Nesse sentido, o novo fazer docente, reflexo da grande pressão social, reflete um contexto de altas exigências de ritmos/tempos de produções de trabalho, com consequências danosas para os(as) professores(as). Essa tensão provoca desgaste físico e emocional, com potencial para iniciar quadros de depressão, sentimentos de insatisfação com o próprio trabalho (Batista et al., 2016), bem como

elevadas taxas de prevalência de Síndrome de Burnout e de transtornos mentais comuns (Campos; Vêras; Araújo, 2020).

Uma questão central emerge nesse debate como essencial: a precarização do trabalho docente e seus fatores associados. Existe um processo complexo na relação entre precarização do trabalho e saúde docente. O trabalho docente passou a ser estruturado a partir de formas degradadas de trabalho, em que a baixa remuneração, a falta de reconhecimento, situações de violência e sobrecarga de demandas podem acarretar reflexos marcantes na qualidade do ensino-aprendizagem, bem como na saúde da categoria (Leung; Siu; Spector, 2000; Pereira et al., 2014). Ou seja, a vocação do professor modifica-se na contemporaneidade, com atribuições exageradas e tarefas não próprias de sua profissão (Fritz; Peixoto, 2022).

A forma como se estrutura o trabalho é definidora da condição da atividade laboral como produtora de saúde ou adoecimento (Araújo, 2008). Alguns estudos desta revisão sinalizaram prevalências expressivas de TMC e sintomas depressivos entre docentes: 19,5% (Ferreira et al., 2015) e 20,1% (Tavares et al., 2014) em estudos no Brasil; 20% dos professores apresentaram sintomas depressivos no estudo realizado nos Estados Unidos (Schindler et al., 2006) e, no estudo chinês, esse percentual alcançou 58,9% (Shen et al., 2014). Em todo o mundo, o número de pessoas com TMC vem aumentando, particularmente em países de baixa renda, impactando em perdas em termos de saúde e trabalho. A depressão foi classificada, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como a maior preditora para a incapacidade global, estima-se que 4,4% da população mundial sofre de transtorno depressivo e 3,6% de transtorno de ansiedade (WHO, 2017). No Brasil, a partir de dados recentes sobre os transtornos mentais que mais provocaram afastamento de docentes de uma universidade, é possível concluir que a depressão foi responsável por 53% das licenças, a reação aguda ao estresse chegou a 8% e a ansiedade a 7%, mostrando a gravidade dessa problemática (Batista et al., 2016).

Esses percentuais, contudo, têm distinções se analisados à luz das teorias de gênero. As mulheres são mais atingidas pelos TMC, padrão mantido pela categoria docente, seja na educação básica ou

no ensino superior. No estudo com professores da educação infantil e ensino fundamental de Vitória da Conquista, Bahia, considerando-se o modelo de regressão logística, as mulheres apresentaram 2,6 vezes mais distúrbios psíquicos do que os homens (Porto et al., 2006). No ano pandêmico da covid-19, em um estudo conduzido com 1444 docentes da rede privada, as professoras relataram situações de saúde alarmantes - crises de ansiedade (53,7%), mau humor (78,0%), transtornos mentais comuns (69,0%) e qualidade do sono ruim (84,6%) (Pinho et al., 2021).

Das quatro universidades médicas dos Estados Unidos, as professoras foram mais acometidas por ansiedade, depressão e cefaleia do que os homens (Schindler et al., 2006). Essas evidências ainda são pouco interpretadas sob a perspectiva de gênero nas discussões sobre trabalho docente nas universidades, e as diferenças entre homens e mulheres tendem a ser naturalizadas. Sustenta-se, assim, a legitimidade em pontuar discussões em torno da dupla jornada de trabalho vivenciada pelas mulheres, após serem inseridas no mercado de trabalho. Um caminho promissor nesse debate é o reforço à necessidade de incluir, nas análises e discussões, o cômputo da carga total de trabalho (profissional e doméstico) para homens e mulheres, de modo a permitir avaliações mais precisas dos tipos de exposições a que estão submetidos(as) (Araújo; Carvalho, 2009).

As mulheres são maioria nas escolas e nas universidades, elemento estruturante na distribuição de vulnerabilidades, logo, atuam diretamente na situação de saúde de homens e mulheres de forma diferente. A invisibilidade dessa discussão persiste, e a incorporação de elementos que problematizem as assimetrias de gênero permanecem embrionárias. Sem esse enfrentamento, não é possível avançar na preservação da saúde docente (Araújo; Pinho; Masson, 2019).

O envolvimento da gestão institucional foi registrado como essencial nesse percurso, na medida em que os aspectos das organizações e condições do trabalho sinalizados como preditores de adoecimento precisam ser reestruturados. Afinal, muitas vezes a cobrança não está apenas nas atribuições educacionais, mas também é uma exigência exagerada oriunda da gestão (Fritz;

Peixoto, 2022). A organização do trabalho é fruto de decisões e definições que se processam no cotidiano docente que, por sua vez, refletem as correlações de forças e a capacidade dos grupos de interesses macro e microestruturais de se fazerem representar. Tais evidências também podem auxiliar nas ações e lutas sindicais, bem como na estruturação de medidas legais para proteção da saúde dos(as) profissionais da educação, com promissoras possibilidades na direção de conquistas mais substanciais (Araújo et al., 2003).

É preciso encontrar alternativas que proporcionem ambientes saudáveis e produtivos, nos quais os(as) docentes possam desenvolver a produção intelectual livre, considerando o tempo necessário para suas jornadas de trabalho, com possibilidades de uso de suas habilidades e subjetividades, contribuindo verdadeiramente para o desenvolvimento social, político e econômico de uma população (Cassandre, 2011). A efetividade das ações preventivas faz com que exista possibilidade de melhorias no trabalho, com maior desejo de exercer e permanecer na docência (Fritz; Peixoto, 2022).

Resultados dos estudos analisados oferecem um corpo de evidências sobre a necessidade de adoção de medidas protetivas da situação de saúde do(a) trabalhador(a) da educação. Isto posto, a prática da vigilância em saúde do(a) trabalhador(a) permite identificar fatores de riscos associados à saúde docente e auxilia possíveis transformações das condições de trabalho e a garantia da qualidade da assistência a esses(as) profissionais como trabalhadores(as) (Santana; Goulart; Chiari, 2012). Essa atenção e monitoramento para manutenção da saúde mental dos acadêmicos pode ser amparada por variadas estratégias preventivas para promoção do bem-estar laboral. Aumentar a autonomia, reconhecimento, treinamentos e controle sobre o próprio trabalho pode aliviar a tensão. Contudo, os serviços de saúde disponíveis à comunidade acadêmica, como suporte médico e psicológico, além de programas de aconselhamento/apoio, são apontados como medidas ainda pouco utilizadas, porém promissoras para a estruturação de ambientes saudáveis de trabalho. Afinal, a saúde docente está diretamente relacionada ao processo produtivo presente nas universidades, regido pela gestão

da produtividade, aproxima-se excessivamente do que se constata, atualmente, nas organizações capitalistas (Cassandre, 2011).

Alguns limites metodológicos dos estudos devem ser destacados. Todos adotaram o desenho transversal, o que limita o estabelecimento de relações causais, pela impossibilidade de assegurar a sequência temporal dos eventos estudados (Almeida Filho; Barreto, 2012). Outro limite é referente às amostras, muitas vezes de conveniência, pequenas ou com baixas taxas de respostas.

Destaca-se a impossibilidade de garantir a qualidade dos resultados dos estudos selecionados, devido à natureza heterogênea das publicações no que se referem aos critérios metodológicos estabelecidos, às características culturais dos países de publicação, o quantitativo de pessoas estudadas, bem como a definição teórica e o uso de diferentes instrumentos para identificar as relações estudadas. Outra possível limitação foi o critério de não inclusão de estudos primários qualitativos, fato que pode ter produzido subestimação dos dados apresentados. Contudo, essa revisão tinha um objetivo subjacente de identificar o estado da arte de estudos transversais sobre a temática. Outro fator que deve ser considerado é que o enfoque de gênero só pôde ser realizado em parte, pois a maioria dos estudos apontou a ausência do sentido de gênero e, em menos da metade, o critério foi parcial, sem qualquer aprofundamento do tema. Novas pesquisas são necessárias e devem adotar diferentes abordagens metodológicas/analíticas, no intuito de dar maior visibilidade a todas essas questões aqui abordadas.

Em síntese, é preciso concentrar-se em medidas que possam melhorar a qualidade do trabalho nas universidades, que sejam prerrogativas para ampliar conquistas no espaço de trabalho como espaço privilegiado para obtenção de prazer e satisfação para homens e mulheres, de forma igualitária.

Considerações finais

Os elementos que compõem os desencadeadores para sintomas estressores e suas consequências para saúde são os mais variados, porém, a prevenção é um caminho promissor. Para avaliar a situação

de saúde mental desses(as) professores(as), faz-se necessário a construção e manutenção de serviços de saúde comprometidos com a saúde do(a) trabalhador(a). Essas estratégias transformam-se em investimentos na saúde e na qualidade de vida docente, os quais refletem na qualidade educacional do ensino superior.

Contudo, é preciso romper com a discussão naturalizada e hegemônica de um modelo androcêntrico em torno do trabalho docente. As relações de gênero que envolvem o ambiente acadêmico são temas que precisam ser mais investigados nas produções científicas no campo da saúde pública, além da necessidade de serem visibilizadas e responsabilizadas. Novas conquistas perpassam pela construção de um processo que envolve os mais diversos atores sociais, começando pelos(as) próprios(as) docentes nas universidades, com apoio do movimento sindical, dos gestores, bem como dos movimentos sociais e feministas.

Referências

ABOUSERIE, R. Stress, Coping Strategies and Job Satisfaction in University Academic Staff. *Educational Psychology*, London, v. 16, n. 1, p. 49-56, 1996. DOI: 10.1080/0144341960160104

ALMEIDA FILHO, N.; BARRETO, M. *Epidemiologia & Saúde: fundamentos, métodos e aplicações*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2012.

ALPÖZ, E. et al. Burnout syndrome in a dentistry faculty: effect of sociodemographic and academic factors. *Hacettepe Üniversitesi Diş Hekimliği Fakültesi*, Ankara, v. 32, n. 3, p. 18-28, 2008.

ARAÚJO, T. et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 1117-1129, 2006. DOI: 10.1590/S1413-81232006000400032

ARAÚJO, T. Estresse e saúde no trabalho docente. *Presente: Reveduc*, São Paulo, v. 61, ano XVI, p. 9-15, 2008.

ARAÚJO, M.; SCHRAIBER, L.; COHEN, D. Penetração da perspectiva de gênero e análise crítica do desenvolvimento do conceito na

produção científica da Saúde Coletiva. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 15, n. 38, p. 805-818, 2011. DOI: 10.1590/S1414-32832011005000039

ARAÚJO, T. et al. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Revista Baiana Saúde Pública*, Salvador, v. 29, n. 1, p. 6-21, 2005. DOI: 10.22278/2318-2660.2005.v29.n1.a108

ARAÚJO, T.; CARVALHO, F. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 107, n. 30, p. 427-449, 2009. DOI: 10.1590/S0101-73302009000200007

ARAÚJO, T. et al. Saúde e trabalho docente: dando visibilidade aos processos de desgaste e adoecimento docente a partir da construção de uma rede de produção coletiva. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 37, n. 1, p. 183-212, 2013.

ARAÚJO, T.; PINHO, P.; MASSON, M. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, supl. 1, 2019. DOI: 10.1590/0102-311X00087318

BATISTA, J. et al. Transtornos mentais em professores universitários: estudo em um serviço de perícia médica. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 45-48, 2016. DOI: 10.9789/2175-5361.2016.v8i2.4538-4548

BIRON, C.; BRUN J-P.; HANS I. Extent and sources of occupational stress in university staff. *Work*, [s.l.], v. 30, n. 4, p. 511-522, 2008.

BORIM, F.; BARROS, M.; BOTEAGA, N. Transtorno mental comum na população idosa: pesquisa de base populacional no Município de Campinas, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 7, pp. 1415-1426, 2013. DOI: 10.1590/S0102-311X2013000700015

BOSI, A. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, 2007. DOI: 10.1590/S0101-73302007000400012

- CAMARGO, E. et al. Estresse percebido, comportamentos relacionados à saúde e condições de trabalho de professores universitários. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 31, n. 75, p. 589-597, 2013.
- CAMPOS, T.; VÉRAS, R.; ARAÚJO, T. Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. *Avaliação: Revista Docência da Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, 2020. DOI: 10.35699/2237-5864.2020.15193
- CARAN, V. et al. Riscos ocupacionais psicossociais e sua repercussão na saúde de docentes universitários. *Revista enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 255-261, 2011.
- CARLOTTO, M.; CÂMARA, S. Burnout Syndrome Profiles among Teachers. *Escritos de Psicologia*, Málaga, v. 10, n. 3, p. 159-166, 2017.
- CARLOTTO, M.; CÂMARA, S. Riscos psicossociais associados à síndrome de burnout em professores universitários. *Avances en Psicología Latino Americana*, Bogotá, v. 35, n. 3, pp. 447-457, 2017. DOI: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4036
- CARLOTTO, M.; PALAZZO, L. S. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1017-1026, 2006. DOI: 10.1590/S0102-311X2006000500014
- CASSANDRE, M. A saúde de docentes de pós-graduação em universidades públicas: os danos causados pelas imposições do processo avaliativo. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 779-816, 2011.
- CLADELLAS, R.; CASTELLÓ, A. Percepción del estado de salud y estrés de profesorado universitario, en relación con la franja horaria de docencia. *Electronic journal of research in educational psychology*, Almería, v.9, n. 1, p. 217-240, 2011.
- CLADELLAS, P.; CASTELLÓ, T.; PARRADO, R. Satisfacción, salud y estrés laboral del profesorado universitario según su situación contractual. *Revista de Salud Pública*, Bogotá, v. 20, n. 1, p. 53-59, 2018. DOI: 10.15446/rsap.v20n1.53569
- COLACION, Q.; GEMORA, R. Causes and effects of stress among faculty members in a state university. *Asia Pacific Journal of Multidisciplinary Research*, Batangas, v. 4, n. 1, p. 18-27, 2016.
- COOPER, C.; MIKE, K. Occupational stress in head teachers: A national UK study. *British Journal of Educational Psychology*, Londres, v. 63, n. 1, p. 130-143, 1993.
- CORREA-CORREA, Z.; MUÑOZ-ZAMBRANO, I.; CHAPARRO, A. Síndrome de Burnout en docentes de das universidades de Popayán, Colômbia. *Revista de Salud Pública*, Bogotá, v. 2, n. 4, p. 589-598, 2010.
- COSTA, L. et al. Prevalência da Síndrome de Burnout em uma amostra de professores universitários brasileiros. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 636-642, 2013. DOI: 10.1590/S0102-79722013000400003
- COUTINHO, M.; MAGRO, M.; BUDDE, C. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários. *Psicologia Teoria e Prática*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 154-167, 2011.
- DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J. Preditores da síndrome de burnout em docentes do ensino privado. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 19, n. 2, p. 265-275, 2014. DOI: 10.1590/1413-82712014019002011
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1987.
- DELCOR, N. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-196, 2004. DOI: 10.1590/S0102-311X2004000100035
- FARIAS, M.; ARAÚJO, T. Transtornos mentais comuns entre trabalhadores da zona urbana de Feira de Santana-BA. *Revista Brasileira de Saúde*

- Ocupacional*, São Paulo, v. 26, n. 123, p. 25-39, 2011. DOI: 10.1590/S0303-76572011000100004
- FERREIRA, R. et al. Transtorno Mental Comum e estressores no trabalho entre professores universitários da área da saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. supl. 1, p. 135-155, 2015. DOI: 10.1590/1981-7746-sip00042
- FRITZ, M.; PEIXOTO, M. C. O. O estresse ocupacional docente e suas consequências à saúde. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 37, n. 117, p. 85-95, 2022. DOI: 10.21527/2179-1309.2022.117.12872
- GANONG, L. Integrative reviews of nursing research. *Research in Nursing Health*, Hoboken, v.10, n. 1, p. 1-11, 1987. DOI: 10.1002/nur.4770100103
- GOLDBERG, D.; HUXLEY, P. *Common mental disorders: a bio-social model*. London: Tavistock, 1992.
- JANSEN, K. et al. Transtornos mentais comuns e qualidade de vida em jovens: uma amostra populacional de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 440-448, 2011. DOI: 10.1590/S0102-311X2011000300005
- JBI - THE JOANNA BRIGGS INSTITUTE. *Joanna Briggs Institute Reviewers' Manual: 2014 edition*. Adelaide, 2014.
- KATAOKA, M. et al. Occupational stress and its related factors among university teachers in Japan. *Health*, Los Angeles, v. 6, n. 5, p. 299-305, 2014. DOI: 10.4236/health.2014.65043
- KIRCHHOF, R. et al. Relations between stress and coping in federal universities nursing teachers of a Brazilian state-analytical study. *Journal of Nursing Education and Practice*, Ontario, v. 5, n. 12, p. 9-16, 2015. DOI: 10.5430/jnep.v5n12p9
- LEUNG, T.-W.; SIU, O.-L.; SPECTOR, P. Faculty stressors, job satisfaction, and psychological distress among university teachers in Hong Kong: The role of locus of control. *International Journal of Stress Management*, Washington DC, v. 7, n. 2, p. 121-138, 2000. DOI: 10.1023/A:1009584202196
- MASCARENHAS, M.; ARAÚJO, T.; SANTOS, K. Transtornos mentais comuns em docentes universitários de uma instituição de ensino pública na Bahia. *Advir*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 74-89, 2013.
- MATTOS, A. I. S. et al. Desigualdades de gênero: uma revisão narrativa. *Revista Saúde.com*, Jequié, v. 11, n. 3, p. 266-279, 2015.
- NASCIMENTO, V. et al. Burnout Syndrome among Dental professors: a cross-sectional study. *Revista da ABENO*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 62-71, 2018.
- NAZARI, H. et al. The prevalence of job stress and its relationship with burnout syndrome among the academic members of lorestan university of medical sciences. *Journal of Caring Sciences*, South Shariati, v. 5, n. 1, p. 75-84, 2016. DOI:10.15171/jcs.2016.008
- NEVES, M.; BRITO, J.; MUNIZ, H. A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. supl. 1, 2019. DOI: 10.1590/0102-311X00189617
- OTERO-LÓPEZ, J.; MARIÑO, M., BOLAÑO, C. An integrating approach to the study of burnout in University Professors. *Psicothema*, Oviedo, v. 20, n. 4, p. 766-772, 2008.
- PAN, B. et al. Factors associated with job satisfaction among university teachers in northeastern region of China: A cross-sectional study. *International journal of environmental research and public health*, Basel, v. 12, n. 1, p. 12761-12775, 2015.
- PAHO - PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. *The Burden of Mental Disorders in the Region of the Americas*, 2018. Washington, D.C., 2018.
- PEREIRA, É. et al. O trabalho docente e a qualidade de vida dos professores na educação básica. *Revista de salud pública*, Bogotá, v. 16, n. 2, p. 221-231, 2014.
- PINHO, P. et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, 2021.

- POLIT, D.; BECK, C. Using research in evidence-based nursing practice. In: POLIT, D.; BECK, C. (Ed.). *Essentials of nursing research: methods, appraisal and utilization*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2006. p. 457-494
- PORTO, L. et al. Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, n. 5, p. 818-826, 2006. DOI: 10.1590/S0034-89102006005000001
- PRADO, R. et al. Avaliação da síndrome de Burnout em professores universitários. *Revista da ABENO*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 21-29, 2017.
- PU, J. et al. The effect of psychological capital between work-family conflict and job burnout in Chinese university teachers: testing for mediation and moderation. *Journal of health psychology*, Thousand Oaks, v. 22, n. 14, p. 1799-1807, 2017. DOI: 10.1177/1359105316636950
- REIS, E. et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1480-1490, 2005. DOI: 10.1590/S0102-311X2005000500021
- REIS, A.; FERNANDES, S.; GOMES, A. Estresse e fatores psicossociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 30, n. 4, p. 712-725, 2010. DOI: 10.1590/S1414-98932010000400004
- RODRÍGUEZ, M.; MENDEZ, L.; GONZALEZ-RAMÍREZ, M.. Evaluación del desempeño docente, estrés y burnout en profesores universitarios. *Revista Electrónica Actualidades Investigativas en Educación*, San José, v. 14, n. 1, p. 1-22, 2014.
- SANTANA, M.; GOULART, B.; CHIARI, B. Distúrbios da voz em docentes: revisão crítica da literatura sobre a prática da vigilância em saúde do trabalhador. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 288-295, 2012. DOI: 10.1590/S2179-64912012000300016
- SANTOS, D. et al. Reflexões sobre a saúde docente no contexto de mercantilização do ensino superior. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 159-186, 2016. DOI: 10.35699/2237-5864.2016.2105
- SCHINDLER, B. et al. The Impact of the changing health care environment on the health and well-being of faculty at four medical schools. *Academic medicine: journal of the Association of American Medical Colleges*, Washington, DC, v. 81, n. 1, p. 27-34, 2006. DOI: 10.1097/00001888-200601000-00008
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.
- SOUZA, J. M. et al. Docência na pandemia: saúde mental e percepções sobre o trabalho on-line. *Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 24, n. 2, p. 142-159, 2021.
- SHARPLEY, C. et al. The presence, nature and effects of job stress on physical and psychological health at a large Australian university. *Journal of Educational Administration*, v. 34, n. 4, p. 73-86, 1996.
- SHEN, X. et al. The association between occupational stress and depressive symptoms and the mediating role of psychological capital among Chinese university teachers: a cross-sectional study. *BMC Psychiatry*, Berlin, v. 14, n. 1, p. 329, 2014. DOI: 10.1186/s12888-014-0329-1
- SLIŠKOVIĆ, A.; MASLIĆ SERŠIĆ, D. Work stress among university teachers: gender and position differences. *Arhiv za higijenu rada i toksikologiju*, Warszawa, v. 62, n. 1, p. 299-307, 2011. DOI: 10.2478/10004-1254-62-2011-2135
- SOUSA, A. et al. Estresse ocupacional e qualidade do sono em docentes da área da saúde. *Rev Rene*, Fortaleza, v. 19, n. 1, p. 1-8, 2018.
- SOUSA, I.; MENDONÇA, H. Burnout em professores universitários: impacto de percepções de justiça e comprometimento afetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 25, n. 4, p. 499-508, 2009. DOI: 10.1590/S0102-37722009000400005
- SUN, W.; WU H.; WANG, L. Occupational stress and its related factors among university teachers in China. *Journal of Occupational Health*, Tóquio, v. 53, n. 1, p. 280-286, 2011. DOI: 10.1539/joh.10-0058-0a

TAVARES, J. et al. Distúrbios psíquicos menores em enfermeiros docentes de universidades. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 1-8, 2012. DOI: 10.1590/S0104-11692012000100023

TAVARES, J. et al. Prevalência de distúrbios psíquicos menores em enfermeiros docentes. *Escola Anna Nery*, Salvador, v. 18, n. 3, p. 407-414, 2014.

ZHONG, J. et al. Job stress, burnout, depression symptoms, and physical health among chinese

university teachers. *Psychological Reports*, Thousand Oaks, v. 105, n. 3, p. 1248-1254, 2009. DOI:10.2466/pro.105.3F.1248-1254

WINEFIELD A.; JARRETT, R. Occupational stress in university staff. *International Journal of Stress Management*, v. 8, n. 4, p. 285-298, 2001. DOI: 10.1023/A:1017513615819

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Depression and other common mental disorders: global health estimates*. Genebra, 2017.

Contribuição dos autores

Pinho, Patrão e Aquino participaram de todas as etapas desde a concepção e delineamento do trabalho à análise e discussão dos resultados. Freitas participou da coleta, análise e discussão dos dados. Todas participaram da revisão crítica do conteúdo e aprovação da versão final do manuscrito antes de envio a submissão.

Recebido: 19/1/2023

Reapresentado: 19/1/2023

Aprovado: 03/7/2023